

CAMINHOS PARA APRIMORAR A AÇÃO EDUCATIVA, APONTADOS POR ARTIGOS PUBLICADOS PELA MÍDIA

Marieta Lúcia Machado Nicolau*

Resumo: O texto aborda o conteúdo de artigos e entrevistas publicados no jornal O Estado de São Paulo, visando questões educacionais, bem como, encontrar soluções aos problemas vivenciados na educação. Mereceu destaque: a formação de professores, o exame internacional PISA, a educação de qualidade, o investimento precoce na criança, a importância dos primeiros anos de vida da criança, o papel da literatura nesse contexto e as boas memórias da infância em torno de palavras.

Palavras-chave: Ação educativa. Mídia. Jornal ‘O Estado de São Paulo’. Qualidade da educação.

Abstract: The goal of this text is to analyze the contents of articles and interviews, published in the newspaper “O Estado de São Paulo” in 2016, concerning education as well as finding solutions to common educational problems. It is also emphasized teacher education, the international test PISA, education quality, early investment in childhood education, the importance of early years in childhood, the role of literature within this context and the good childhood memories surrounding the words.

Keywords: Educational action. Media. Journal ‘O Estado de São Paulo’. Quality of education.

* Profa. Associada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: marieta.nicolau@usp.br

Introdução

Ao iniciar a leitura deste artigo, muitos leitores poderiam indagar o porquê de aproveitar textos publicados na mídia sobre educação. Meu interesse pela leitura de artigos sobre educação, que a mídia leva ao público, em geral, advém de minha experiência na área como professora de 1ª série em escola pública, como orientadora pedagógica em vários níveis de ensino e como orientadora na elaboração de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. A minha vida profissional desde sempre esteve voltada para o interesse de conhecer as crianças, suas necessidades e a de seus familiares assim como os ideais na formação dos professores e na gestão das escolas para atingimento dos objetivos educacionais.

A mídia traz a visão de especialistas, de pensadores sobre os vários aspectos envolvidos na problemática educacional e o faz com uma linguagem acessível aos leitores leigos, mas interessados no tema. Conhecer essa visão permite aproximar-me das reflexões desses especialistas e pensadores assim como de seu público leitor.

Portanto, insisto no porquê aproveitar, neste texto, conteúdos publicados na mídia escrita visando a questões educacionais. A leitura e a discussão das ideias contidas nos textos trazem aspectos relevantes ao enfrentamento que as escolas oferecem no seu cotidiano, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e demais níveis de ensino.

Entendo que os textos, a seguir comentados, poderão contribuir também para estimular discussões produtivas entre professores, funcionários e gestores das escolas ou até poderão se constituir em um cantinho livre de leitura aos educadores. No entanto, jamais dispensarão a leitura de autores, pesquisadores e especialistas que se debruçam sobre os problemas educacionais, buscando encontrar soluções aos desafios teórico-práticos surgidos na Educação.

Como me parece importante levar em conta estudos e pesquisas anteriormente desenvolvidos para tentarmos compreender os dados atuais e analisá-los em relação aos tempos passados, detenho-me sobre artigo publicado, em 21/06/2016, pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, de João Batista Oliveira, presidente do Instituto Alfa e Beto, sobre o *Relatório Coleman*, proposto há 50 anos atrás nos Estados Unidos, lembrando que há aspectos nele abordados que a política educacional deve considerar.

O artigo de Oliveira mostra que Coleman relacionou qualidade da educação a resultados. Houve uma rica coleta de dados: milhares de professores, um número muito grande de escolas e 600.000 alunos do nível de nossas séries finais. Este relatório teve a sua exatidão ratificada por pesquisadores da Universidade de Harvard, dos Estados Unidos.

A encomenda da pesquisa foi feita pelo governo americano, que entendia que um maior investimento nas escolas resultaria na igualdade entre ricos e pobres.

A pesquisa trouxe, entre outras, as conclusões seguintes: a quantidade de dinheiro, por si só, não explica o resultado dos alunos; a composição socioeconômica foi o fator que mais explicou o desempenho dos alunos e o ensino melhorou quando houve valores comuns entre casa e escola. Coleman valorizou muito a formação do professor.

Muitos são os pesquisadores no mundo, particularmente no Brasil, que têm valorizado o Programa Internacional de Alunos (PISA), inclusive Oliveira, que mostra ser necessário um mínimo de recursos para a escola funcionar bem. O articulista lembra que o desempenho dos alunos depende de outras variáveis, tais como bons professores, bom ensino e boa avaliação. A qualificação dos professores e profissionais da escola, a política afirmativa de primeira infância (grifo nosso) tudo isso contribui para melhorar o desempenho dos alunos.

Oliveira, ao final do citado artigo, afirma que na escola brasileira há predominância da ideologia sobre a razão e que as Universidades e pesquisadores poderiam colaborar mais para modificar este quadro. Parece-me importante ouvir os professores a respeito dessa percepção.

No artigo *Educação Empacada*, publicado no jornal **O Estado de São Paulo**, seu autor, Fernando Dantas focaliza também resultados do PISA 2015.

O articulista inicia seu texto mostrando que o Brasil triplicou, nos últimos anos, o gasto anual público por aluno da Educação Básica, descontada a inflação. O exame internacional PISA é realizado, a cada três anos, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O resultado do PISA foi divulgado em início de dezembro de 2016. O Brasil continua nas últimas posições do ranking de 70 países, muito abaixo da média do OCDE (nações ricas e um grupo de emergentes), atrás dos vizinhos latino-americanos que participam do exame. O Vietnã, com renda *per capita* 25 vezes inferior à brasileira, obteve 495 em matemática, 525 em ciências e 487 em leitura, enquanto o Brasil, 377, 401 e 407 respectivamente.

Nas duas últimas décadas no Brasil alguns passos importantes foram dados; aumento dos gastos *per capita*, quase todas as crianças ingressaram no Ensino Fundamental, estabeleceu-se um sistema amplo e eficiente de avaliação de escolas e redes municipais e estaduais, dando base para a definição de metas ambiciosas de avanço no médio e longo prazo.

Pesquisadores renomados do Instituto Ayrton Senna e da Fundação Getúlio Vargas têm analisado os porquês de os resultados não acompanharem todo esse investimento. Para o especialista Naércio Menezes há um problema vital de gestão. Desde 2014, já passaram pelo Ministério da Educação cinco diferentes ministros; a responsabilidade dos prefeitos e governadores também é considerada nesse panorama. Há, no entanto, experiências exitosas

como a de Sobral (Ceará) que não se estendem a outras regiões.

O Brasil em variadas avaliações revela não se dar tão mal até a quinta série. O segundo segmento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio já não apresentam bons resultados. É preciso, no entanto, canalizar mais recursos o que não garante resultados. Dinheiro importa se vier com uma visão integrada de melhoria de gestão em todos os níveis da federação, e formação de professores (grifo meu), o sistema de avaliação, o currículo etc. “O Brasil não pode continuar a marcar passo nas últimas posições da corrida educacional no mundo” diz com toda razão o articulista.

Em seu *Editorial de 2/2/2016*, o jornal **O Estado de S. Paulo** aponta que na formação do professor há claras indicações para uma educação de qualidade. Embora tenha sido um caminho sujeito a retrocessos, nos últimos anos têm surgido boas coisas na educação pública e privada. O texto refere-se a iniciativas do Conselho Estadual de Educação de São Paulo para melhorar a formação do professor a partir da definição das regras para as escolas públicas e privadas, da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Profissional, transmitindo regras para o Estado de São Paulo, além da orientação ao ensino público superior.

Enfatiza-se nessas iniciativas o referencial teórico, mas destaca-se que, na Licenciatura, os alunos devem aprender as boas práticas de ensino; os cursos de pedagogia não podem excluir a dimensão prática da docência e devem prover uma reflexão crítica sólida para formar bons profissionais para uma “atividade tão nobre, complexa e ao mesmo tempo tão prática - ensinar novas gerações”. O Conselho Estadual de Educação/SP esforça-se para contribuir para a superação da falsa dicotomia teoria e prática.

Para que haja uma educação de qualidade há de se vencer vários desafios. E o primeiro deles, de acordo com o texto, ora mencionado, é dar absoluta prioridade à formação de professores.

Lúcia Guimarães, articulista do **Estado de S. Paulo**, em seu texto de 28/08/2016 afirma, enfaticamente, também uma outra necessidade: a de investir na criança e nas pessoas que convivem com ela. Há uma grande vantagem em investir na criança, o mais precocemente possível. O título atribuído ao artigo diz tudo: “*Quanto mais cedo, melhor*”.

Para exemplificar essa opinião, expõe a iniciativa educacional que ocorre nos Estados Unidos. Por volta de 70.000 crianças nascidas em 2012, vão participar em Nova York da maior expansão de um programa.

Houve a preocupação no Programa Pré KNYC (Pré-Kindergarten, Jardim da Infância) com um início de adaptação às 6 horas e meia na escola pública. Atender a todas as crianças de 4 anos foi uma promessa de campanha do prefeito Bill de Blasio. Lembra Guimarães que o programa é ambicioso; custa caro (US\$ 10.200 mil anuais por criança) enquanto a média anual é de US\$ 4.100 anuais. O prefeito optou por não oferecer o programa somente para crianças pobres (grifo nosso). Implementou o acesso universal rapidamente. Contratou 2.000 professores com nível universitário. Ao final do primeiro semestre, segundo afirmações de Guimarães, 92% dos pais mostraram estar felizes com o programa.

A articulista mostra a necessidade de arrumar vagas para crianças de 3 anos. Lembra também que resta, agora, imitar Chicago e lançar um programa de acompanhamento de bebês em casa.

Os cientistas que estudam a infância destacam a importância dos primeiros anos da vida mesmo antes de frequentarem a escola. Convém lembrar que os futuros anos de escola dependem muito de estimulação que as crianças pequenas receberam. **30 Milhões de Palavras** é o nome do Programa de Chicago. Guimarães, referindo-se a esse programa, pontua que, aos 4 anos, uma criança pode ter escutado menos de 30 milhões de palavras que outra criança. Essa desigualdade no vocabulário vai influenciar o desempenho na escola, inclusive na alfabetização.

Mas, a pobreza não é o único fator que responde pela desigualdade. Embora a desvantagem social deva ser considerada, o que os cientistas de Chicago mostram ter um grande peso é o fato de os adultos não interagirem com os bebês logo que nascem.

No Programa **30 Milhões de Palavras**, logo após o parto no Centro Médico da Universidade de Chicago, duas pessoas visitam a mãe e fazem uma apresentação de 15 minutos e perguntam se elas querem ajudar a aperfeiçoar o cérebro de seu bebê.

Considerando que ao nascer, o cérebro não está totalmente formado, vale lembrar que há mudanças ao longo da vida e que, o período de vida até 3 anos é muito importante para a estimulação. Os pesquisadores, estudando crianças pobres de 2 anos, verificaram um atraso de 6 meses na aquisição de linguagem. Mas, crianças pobres expostas constantemente a conversas mostram desempenho melhor do que crianças que vivem em ambientes que os médicos chamam de ambientes pobres de linguagem.

A profissional de Chicago que lidera este trabalho, mencionado por Guimarães, é uma cirurgiã pediatra Dana Suskind, especialista em implantes cocleares que permitem que as crianças surdas de nascença possam ouvir. A cirurgiã observou resultados diferentes conforme o ambiente. Nos primeiros 6 meses de vida dos bebês, há orientação às mães mediante visitas. A Dra. Suskind quer que a conversa com bebês e pré-escolares se torne obrigação como a “utilização do cinto de segurança no automóvel”.

Outro tema importante na área educacional é o do acesso à leitura de histórias para as crianças. Há comprovações de que a leitura que começa na primeira infância, de zero a 6 anos, traz benefícios para toda a vida (desenvolvimento emocional, social e intelectual). Dois artigos versam sobre assunto, publicados pelo jornal **O Estado de S Paulo: Leitura e indagação** de Maria Fernanda Rodrigues, em 11/06/2016 e *Ler faz mágica na vida de uma criança* do Núcleo de Projetos Especiais de Publicidade, em

07/10/2016.

No texto da jornalista M. F. Rodrigues são apontadas opiniões, sobre a importância da leitura, expressas por duas grandes escritoras como Ruth Rocha e Ana Maria Machado. A primeira conta a influência de seu avô que era “o maior contador de histórias do mundo”. Interessada em leitura e desenho, surgiu uma grande escritora de histórias infantis no Brasil. Afirma ainda: “Quem lê, se modifica. Eu, aos 85, leio e me modifico” (Ruth Rocha).

Para Ana Maria Machado, a adolescência é a fase que elegemos ídolos e modelos. “Se os que encontramos vivem em um mundo sem livros fica mais difícil não achar que livro era brinquedo de criança e que fica para trás quando a gente cresce”.

As duas escritoras refletem sobre o fato de que “há tantos adultos que não leem”. A hipótese de Ana Maria Machado é a de que há professores que não têm intimidade com livros por serem a primeira geração em suas famílias a continuar os estudos. Nesse caso, os jovens apenas se sujeitam a leituras obrigatórias.

Em seu texto, Maria Fernanda Rodrigues cita a opinião de Elizabeth Serra, Secretária Geral da Fundação Nacional do Livro para crianças jovens:

Ninguém se importou com a suspensão da compra de livro de literatura porque as famílias e professores não têm noção do que isso significa. O gasto com livro didático é muito maior do que com obras de literatura, e ele não forma o leitor (SERRA *apud* RODRIGUES, 2016).

A secretária geral da FNL ainda reflete sobre o fato do 18º Salão do Livro para crianças e jovens, um dos mais consistentes eventos para a formação de leitores, ter um decréscimo de expositores: 71 em 2014, 61 em 2015, 37 em 2016. A qualidade da exposição, contudo, permanece. E conclui: “A literatura é a única que pode proporcionar o caminho da indagação e desenvolver a criatividade.”

Em “*Ler faz mágica na vida de uma criança*”,

aponta-se que incluir na rotina o costume de ler para os pequenos, especialmente na primeira infância, traz benefícios que vão muito além da diversão e da ampliação da linguagem.

O escritor português Valter Hugo Mãe, lembrado no artigo diz que os livros são as pessoas importantes de sua vida. A literatura fortalece vínculos sociais e familiares. A literatura é um poderoso instrumento para o desenvolvimento infantil.

A psicopedagoga Maíra Scombatti afirma que o contato inicial dos mais novos com a literatura acontece por prazer e pela curiosidade de aprender. “O ideal é juntar as duas coisas, para que o aprender seja prazeroso”, diz. Qualquer idade é tempo para leitura por prazer. Desde que nascem, os bebês leem o mundo e os gestos. E acrescenta que a leitura na primeira infância amplia a memória, o raciocínio, desperta a curiosidade e a criatividade, aumenta a sensibilidade para lidar com emoções, diversifica o repertório e desenvolve a empatia. É um hábito poderoso, que nos proporciona conhecer mundos, é ter ideias sem sair do lugar, além de fortalecer a ligação entre o adulto que lê e a criança que escuta.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação) afirma, na divulgação de seu programa de incentivo à leitura na primeira infância, que estudos sobre linguagem mostram que os primeiros anos de vida, de zero a 3 anos, são fundamentais para a construção de atitudes reflexivas, da subjetividade e da sensibilidade. É uma boa fase para promover o desenvolvimento do vocabulário e da sintaxe, tornando-se um investimento para os anos seguintes. Por isso, é muito importante ler para a criança.

A entrevista de Lúcia Guimarães junto a Susan Neuman, professora da New York University, é tema do artigo *Missão das Leituras*, publicado pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, em 22/05/2016. O texto de Lúcia Guimarães se inicia, focando a nova edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, publicado em 18/05/2016. “Mas que números tristes”, lamentou

a psicóloga e educadora Susan Neuman sobre a pesquisa dos hábitos de leitura no Brasil. Neuman é reconhecida como uma das principais autoridades dos Estados Unidos na primeira infância e alfabetização. Participou de um estudo pioneiro usando a tecnologia da “eye tracking”, que acompanha o menor movimento dos olhos e concluiu que bebês de até 14 meses, expostos ao contato regular com livros, são capazes de reconhecer, por exemplo, se o livro está de cabeça para baixo. Lembra Guimarães, no entanto, que o estudo publicado em 2014, derrubou o mito de que seria possível ensinar bebês a ler.

Neuman explica nesta entrevista concedida ao jornal que preparar a criança para leitura e alfabetização é muito mais do que colocar um livro, a sua frente. O hábito de leitura por curiosidade e prazer depende em boa parte de “boas memórias em torno de palavras e histórias”. Lembra, ainda, a pesquisadora, que as boas memórias da infância em torno de palavras são muito importantes.

Guimarães perguntou à professora diante dos números que ela considera preocupantes, como a pesquisa brasileira reflete a infância dos não leitores. A pesquisadora observa que

[...] há lições críticas que já aprendemos como criar condições para a criança ler, pensando na leitura mais tarde. Se a criança não vê ninguém ler a sua volta, é ruim porque ela está sempre em busca de modelos que indiquem como o mundo funciona. Se a criança não tem essa oportunidade a sua volta, ela tem menos chances de se sentir atraída por livros (NEUMAN *apud* GUIMARAES, 2016).

Lúcia Guimarães comentou com Neuman a recomendação da Associação de Pediatria dos Estados Unidos, em 2014 sobre a orientação a ser dada nas primeiras visitas dos pais a consultórios para lessem para os filhos bebês.

Neuman concorda com a importância de se ler. Mas lembra que a futura alfabetização não depende somente de livro. Dá como exemplos outras

atividades: as crianças adquirem linguagem cantando, ouvindo e fazendo rimas; em conversas, olhando nos olhos; brincando com os objetos. Quando uma criança desenha rabiscos e conta uma história, tudo isso contribui para a alfabetização. Não é necessário ter brinquedos caros, mas que os adultos envolvam as crianças em brincadeiras para que desenvolvam sua imaginação.

Sobre o fato de que, em uma população pobre como a do Brasil, os pais não costumam ter livros em casa, pois são muitas vezes analfabetos, diz Neuman que é importante explicar aos pais que não sabem ler que eles podem ajudar na futura alfabetização dos filhos. É fundamental pensar em conversar, mostrar imagens sem ler um texto e conversar sobre elas.

Neuman comenta ainda na entrevista sobre a possibilidade de a escola corrigir uma primeira infância com pouca atenção do adulto. Afirma a pesquisadora que

[...] a chave da capacidade de aprender está no adulto que demonstra cuidado; ter abrigo aumenta a segurança e o desejo de aprender. Alimentação e carinho são muito importantes para o desejo de aprender. Pode vir de mãe, pai, avô, parente, qualquer modelo de adulto que dê toda atenção à criança, que faça com que a criança explore o mundo (NEUMAN *apud* GUIMARÃES, 2016).

A experiência com a leitura desde cedo é acompanhada de um aprender a aprender, de um adquirir compreensão sobre narrativas. Lembra a psicóloga sobre a importância dos dois primeiros anos de escolaridade, mas se a criança não experimentou o estímulo do adulto, não há professor dedicado que possa compensar na sala de aula. A pesquisadora faz referência a uma desvantagem que pode acompanhar o aluno na sua trajetória escolar. “Sempre digo, quando a criança pisa na escola pela primeira vez chega na companhia da geração que a enviou para lá”.

Sobre a recuperação da falta de leitura, Neuman confirma que há um consenso sobre a terceira série

do Ensino Fundamental como o limite pelo aluno que não aprendeu a ler. Nesse caso, não deve avançar para o ano seguinte sem se recuperar ou terá fracasso acadêmico.

A pesquisadora comenta ainda, instigada pela entrevistadora, sobre os efeitos dos “gadgets” eletrônicos nas mãos de crianças muito pequenas antes de chegarem à escola. Neuman confirma que hoje crianças reclamam que estão com tédio e esperam que tudo venha até elas. Na primeira infância é sempre bom “estimular a abstração e não deixar a criança isolada com gadgets”.

Relata sobre o início de trabalhos que começam a avaliar resultados positivos com aplicativos. Tem-se observado que as crianças demonstram grande facilidade em compreender histórias com plataformas digitais. Há estratégias de leitura interativa e de aprendizado pré-escolar a partir dos 3 anos.

Guimarães pergunta à pesquisadora sobre como atacar o baixo índice de leitura diante do corte de gastos que o governo brasileiro vai enfrentar. Neuman sugere a instalação de bibliotecas fixas ou móveis por darem segurança e permitirem um elo comunitário além de identificar a importância de programas públicos de incentivo à leitura para crianças e famílias. Para exemplificar, aponta a ótima experiência com bibliotecas móveis no Nepal, país predominantemente rural. Alerta, no entanto, para o fracasso de certos programas por seu tom excessivamente didático, tornando-se a leitura quase um privilégio da elite. Ainda aponta que nesses programas nem sempre se associam leitura a brincadeiras. Finalmente aconselha aos pais que não têm muito tempo, à noite, que leiam à noite para seus filhos, que os abrace e os beije enquanto abrem um livro. Essas emoções, a criança guarda na memória e vai sempre associar a leitura aos momentos preciosos.

Notas finais

A principal intenção da escolha dos textos selecionados foi mostrar como a criança e seus professores devem estar no foco de toda a atenção de quem está preocupado com a educação. Toda criança merece ser orientada, estimulada e amada. Ao mesmo tempo, os professores e equipe da escola precisam ser sempre ouvidos, além de terem os problemas vivenciados no cotidiano discutidos em busca de soluções. O Projeto Político Pedagógico deve refletir as ideias de todos.

E para tal, nada mais saudável do que respeitar o que já foi produzido por pesquisadores e educadores, estar a par das propostas dos órgãos responsáveis pela educação, priorizando a estimulação da criança quanto mais cedo, conhecendo as expectativas das famílias, além de aproveitar os incomensuráveis benefícios que a literatura traz à formação da criança e do leitor em termos pessoais e da qualidade da escolaridade futura.

Todo o investimento na formação de professor e das famílias certamente reverterá em benefícios à criança no processo de escolarização e na resolução de problemas que por ventura surjam.

Referências bibliográficas

- Dantas F. *Educação empacada*. Jornal O Estado de São Paulo, Economia, p. B5, 09/12/2016.
- Editorial do Jornal O Estado de São Paulo, p. 3, 02/02/2016.
- Guimarães L *Missão das leituras*. Entrevista junto a Susan Neuman. O Estado de São Paulo, Aliás, p.E1, 22/05/2016.
- Guimarães L. *Quanto mais cedo, melhor*. O Estado de São Paulo. Caderno 2, p. C8, 28/08/2016.
- Núcleo de Projetos Especiais de publicidade do Estadão, sob patrocínio do Itaú. *Ler faz magia na vida de uma criança*. O Estado de São Paulo, Internacional, A13, 07/10/2016.

Oliveira, JB. *Jornal O Estado de São Paulo*, 21/06/2016. *Relatório de James Coleman*.

Rodrigues MF *Leitura e indagação*. O Estado de São Paulo, Caderno 2, p. C5, 11/06/2016.